

Arquitectos: A2G Arquitectura - Angela Frias e Gonçalo Dias

Cliente: Simus, Sociedade de Investimentos Imobiliários

Projecto e Obra: 2004-2007

A2G Arquitectura

O atelier A2G arquitectura nasce da necessidade de colmatar desejos dos seus participantes, Gonçalo Dias e Ângela Frias, estudaram e fizeram percursos acadmicos distintos. No final, encontram-se em vontade e desenhos, assumindo um colectivo com a participação pontual de Ricardo Granja. Entre trabalhos que marcam a gnese e a identidade do atelier, surge este edifício de habitação que vai de certa maneira resumir o trabalho deste grupo, nomeadamente O Edifício de Matosinhos Sul.

“De uma sólida e representativa unidade fabril, surge o limite do edifício. O entendimento da volumetria permitida pelo Plano de Pormenor de lvaro Siza Vieira, vai limitar o crescimento vertical do mesmo. O material utilizado, o betão, cofrado, vai-nos transportar directamente para a memória da solidez das antigas fábricas ali existentes.

Há anos que as peças de Eduardo Chillida me impressionam pela sua simplicidade. Demonstra cenários abstraindo sólidos. De um bloco opaco e indivisível recorta peças que deixam transparecer espaços quase arquitectónicos. Uma subtiliza de gesto parecida vai inspirar, neste edifício, a definição das tipologias por subtracção material. Recortando peças, começam por recuar os planos de vidro das caixilharias e, assim, a subdivisão das tipologias dos diferentes apartamentos, d lugar a uma percepção unitária, individual, dos próprios compartimentos. Quartos, salas, cozinhas, aparecem, revelam-se.

Ao crescer, o edifício vai precisando de factores indicadores humanos. Os pisos marcam-se em lajes aparentes. As caixilharias devolvem a luz ao interior do bloco. Do exterior são aparentes as tipologias de apartamentos que se querem visíveis e óbvios. Pela necessidade de privacidade em cada apartamento, nas zonas privadas dividem-se verticalmente as mesmas tipologias e adquire-se um ritmo de fachada muito próprio.

Da forma de expressão inicial, que envolvia o estudo do espaço cheio, surge o destacamento das lajes. Os pontos de apoio das paredes estruturais quebram-se e estas soltam-se, marcando a horizontalidade do edifício. A relação do edifício com a via pública adquire então um formato mais

palpável.  necessário definir o toque com o público transeunte. A dificuldade expressada pelo promotor na venda de fracções comerciais convencionais, faz eco numa nova abordagem. Cada uma das células ao nível do R/C, que logo são acessíveis a potenciais utilizadores, foram pensadas para se tornem um objecto de seduco. O que se v é menos importante do que o que se esconde.

Ao criar as caixas suspensas de betão, vai ser retomado o gesto de abstracção de cheios-vazios das fachadas dos pisos superiores. Surgem quase naturalmente as entradas do edifício, criando e condicionando os acessos verticais interiores. O ritmo ao nível do R/C é achado com o impar e pela dimensão destas mesmas aberturas resultantes.

As zonas comuns, de acesso e distribuição por piso, vo referenciar, elas mesmas, as opções a nível construtivo e de fachada. Mais uma vez o jogo rítmico surge nas entradas, acompanhado de forma quase aleatória e como contraposição a disposição de luzes. O convencional pavimento cerâmico é substituído por um pavimento auto-nivelante, eco de eras industriais passadas e memória bem viva de uma fachada limpa de betão.

A nível habitacional e porque o mercado o exige, foram criadas trs tipologias distintas sendo os últimos dois pisos a excepção, criando apartamentos duplex.

Várias condicionantes sociais intervm neste projecto. A vontade de uma adaptação do espaço de serviços: Cozinha, copa, Sala de Jantar a uma vivência mais contemporânea, adequada a uma franca igualdade sexual. O contacto dos residentes dentro do próprio apartamento  facilitado pela proximidade entre estas zonas de serviço e as zonas de estar. O que permite este contacto é a transposição das lavandarias para uma zona mais discreta e mais próxima dos quartos, o que, em última análise facilita o tratamento de roupas. Nas fachadas a Sul a cozinha avança do interior para a face do edifício porque a organização interno assim o exige.

A partir de uma tipologia de estudo foi adaptada uma utilização muito particular dos espaços internos dos apartamentos. Os planos correm e isolam ou não várias áreas distintas em cada fracção. Por motivos comerciais algumas das fracções não apresentam esta versatilidade. Nas fracções que foram alvo de um estudo paralelo, individualizado, às vezes com o cliente, conseguiu-se atingir o objectivo da anulo de planos e adaptação geral do conceito de open space.

Ao criar as tipologias duplex de excepção, surge o problema do recuo do último piso. De acordo com o referido Plano de Pormenor, o cume do edifício deveria obedecer a um ângulo de 25 graus a partir do topo da última laje. Assim sendo, foi criada uma estratégia de quebra do corte vertical, onde se aproveita ao máximo a dita regra. Os apartamentos crescem assim em cerca de dois metros no total.

De uma vontade básica e essencialmente comercial desenvolveu-se um projecto pioneiro no Urbanismo Comercial. Afinal as vontades estéticas podem subjugar as comerciais. Apesar de todos os constrangimentos necessários, diria Bernard Tschumi, para o correcto desenvolvimento da arquitectura, aqui, no formato de especulação imobiliária, podemos esperar por projectos assim, que nos devolvam o prazer da vivência urbana.”

Texto de Álvaro Campo, arquitecto

MAIS ARQUITECTURA

O edifício de Matosinhos

A paisagem urbana que se tem desenvolvido na última década, na área, agora chamada de Matosinhos Sul, tem sido uma sequência de inócuos e estéreis edifícios de habitação e comércio, que à excepção de uma ligeira mudança nos materiais e revestimentos de fachada, não se distinguem.

A área é apetecível, o valor urbanístico-comercial tem subido e a pressão dos especuladores imobiliários aumenta. O resultado pode observar-se por todo o lado, num país desregrado, sem referências, com pouca vertente para o urbanismo e o seu lado pedagógico. A construção deverá, tão só e apenas, albergar. O público agradece e não será a mão cheia de arquitectos que conseguirá fazer a (ocasional) obra de autor, meritória de aplauso em revistas especializadas, que irá contrariar a tendência.

Numa envolvente valorizada, o promotor encomenda um convencional edifício de habitação. O atelier deseja e assume o contrato com o promotor propondo uma aproximação radicalmente diferente ao pedido. Nesta direcção, o chamado Urbanismo Comercial sofre um revês e começam-se a considerar valores estéticos e funcionais distintos e mais elevados.

Afinal, havia a segurança de atingir um público alvo com necessidades distintas. Esse pequeno nicho de mercado encontra-se em expansão. Em

contraposição à banalidade da oferta da área, oferece-se um conjunto de tipologias estudadas para uma vivência mais contemporânea.

Toda a área em questão foi, durante décadas a zona industrial de enlatados de Matosinhos. Não descurando todo o desenvolvimento económico que o Porto de Leixões tem proporcionado a esta cidade quase satélite do Porto, esta foi sempre a área de motor económico do concelho. Nas suas velhas fábricas de enlatados, reside um significativa parte da memória colectiva de Matosinhos.

Assim a Forma nasce, de uma sólida e representativa unidade fabril, surge o limite do edifício.

O sucesso da unidade de habitação prende-se, sobretudo, com o impacto da sua inserção na envolvente de uma zona em reconversão. As linguagens dos materiais associadas a jogos de imagem e volumetrias suspensas conferem ao edifício um sintoma de novidade, em especial devido aos programas habitacionais do lugar. São linguagens no exterior que se traduzem em jogos de luz e de intimidade nos espaços comuns e privados do interior. Novas lógicas para novos estilos de vida em novos locais da cidade.

Construído em 2007

Arquitectos: A2G Arquitectura - Angela Frias e Gonçalo Dias

Cliente: Simus, Sociedade de Investimentos Imobiliários

Projecto e Obra: 2004-2007

Identificaram-se linhas imaginárias, percursos ou itinerários dessa nova linguagem, que foram sendo determinados pelas ligações e ressonâncias que surgiram por entre as várias obras do atelier.

Entende-se que, actualmente, muito para além das delimitações regionais, a obra de arquitectura encontra outras formas de se referenciar, nas múltiplas relações que estabelece com o território, com a paisagem, mas também com outras obras, sejam estas próximas ou distantes, procurando os seus meios de fundação, de materialidade, auto-referenciação e criação de uma linguagem própria (o que garante a cada obra a sua singularidade e se mantém no mapa que, agora, se desenha).

Embora seja complexo categorizar um conjunto consistente de elementos e referências que

condicionam e enformam a obra de arquitectura na sua heterogeneidade, procurou-se compreender, primeiramente, esta obra, a partir das múltiplas expressões que cria na sua relação com o território, os seus processos construtivos, sobretudo, a partir do que cria de novo como espaço de habitar.

O mapa proposto define-se, então, pelos percursos ou itinerários (linhas) e pelos lugares (pontos). Os percursos correspondem a uma determinada ideia ou tema sobre o habitar, que se vai desdobrando (como se o pensamento acompanhasse o desenrolar dessa mesma ideia, através de expressões muito distintas entre si e, contudo, ambivalentes), permitindo compreender cada uma das obras no seu lugar (pontos) e, num sentido mais vasto, em relação às outras obras no mesmo percurso, por proximidade ou distância. Os lugares, que cada conjunto de obras nas suas ressonâncias construiu, correspondem às qualidades mais expressivas de cada uma das obras, que permitiram determinar a matéria (no sentido de uma ideia que a obra concretiza e constrói) que faz com que duas ou mais obras se relacionem entre si, criem uma ressonância ou sejam uma variação de uma mesma ideia, seja porque criam um ritmo, um diálogo, uma pausa...

"Entre dádiva e encontro" define-se por um conjunto de obras que remete para a ideia de construção de um espaço público, podendo ser entendido como a qualidade de um espaço que se oferece a uma comunidade (no sentido de dádiva) ou como herdeiro, que aceita o que recebe do tempo e da história, transformando-se num novo espaço, até um espaço de partilha, lugar comum ou de encontro, que permite, ainda, o sonho.

"Entre vazio e intimidade" corresponde a uma sucessiva gradação que remete para uma das principais e mais remotas ideias sobre o habitar: desde o vazio (que não é o nada, mas a quantidade de ar e a respectiva definição e expressão do seu contorno) à intimidade, à construção de um lugar íntimo (habitualmente, o abrigo, o ninho, o espaço doméstico).